

ARTE E NATUREZA: A IMPORTANTE RETOMADA DOS VÍNCULOS AFETIVOS EM MEIO A NOVOS ENFRENTAMENTOS

GIANNA DELABARY VIEIRA ALVES¹;
MÁRCIA REGINA PEREIRA DE SOUSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – giadelabary@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcia.sousa.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para iniciar este texto, apresento uma breve síntese acerca do *Projeto Arte e Natureza: Proliferações*¹, no qual trabalhei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID) CNPq/UFPEl² entre fevereiro e agosto de 2020, sob coordenação da professora Márcia Sousa.

O projeto *Arte e Natureza* têm por objetivo propor reflexões no âmbito dos processos artísticos contemporâneos, por meio de investigações teóricas relacionadas ao campo de estudos Arte e Natureza, bem como da produção e apresentação de trabalhos artísticos que atravessam esse campo.

O projeto propõe também o levantamento de referências bibliográficas e artísticas identificadas no contexto da arte contemporânea. Esse projeto tem por objetivo ainda explorar os desdobramentos teóricos e práticos da pesquisa, ao propor estudos na natureza, exposições, publicação de textos e de trabalhos artísticos, além de ações coligadas ao ensino e à extensão que envolvem estudantes e comunidade.

Estes escritos surgem diante de reflexões compartilhadas nas reuniões do Grupo ArteNatureza, realizadas virtualmente entre março e agosto de 2020, em que dividimos leituras, discutimos textos relacionados ao campo de estudos, além de partilharmos vídeos, conferências, documentários, trabalhos de artistas e direcionamentos de pesquisa. Nos citados encontros também nos questionamos acerca de nossas percepções em relação ao tempo, distanciamento social e isolamento em que temos permanecido desde o mês de março até o presente momento.

Assim, o presente texto propõe alguns caminhos possíveis no âmbito das relações entre Arte e Natureza na contemporaneidade, tendo por base estudos do professor José Albelda³, em especial o artigo *Arte y Ecología: Aspectos caracterizadores en el contexto del diálogo arte-naturaleza* (2015) e a conferência *Arte y Naturaleza: la belleza desvelada* (2017), trazendo também alguns trabalhos de artistas contemporâneos que operam na chave Arte e Natureza, como Lucia Loren, Hamish Fulton, Richard Long e Andy Goldsworthy. Este artigo também pretende estabelecer relações com a terapia japonesa *Shinrin-yoku*, tendo como referência os estudos do Dr. Qing-Li⁴, e os enfrentamentos que temos vivenciado em tempos de isolamento.

¹ Projeto de pesquisa coordenado no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas pela professora Márcia Sousa desde 2015.

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico / Universidade Federal de Pelotas.

³ Pesquisador do Centro de Investigación Arte y Entorno (CIAE, Universidade Politécnica de Valência, Espanha), na linha de pesquisa Arte, Entorno y Sostenibilidad.

⁴ Professor na Nippon Medical School, em Tóquio, Japão. Vice-presidente da International Society of Nature and Forest Medicine e Presidente da Sociedade Japonesa de Medicina Florestal.

2. METODOLOGIA

Em um determinado momento de minha atuação como bolsista, foi proposta pela professora orientadora Márcia Sousa a tradução para o português do artigo *Arte y Ecología: Aspectos caracterizadores en el contexto del diálogo arte-naturaleza* de José Albelda (2015). Para além da tradução, também realizei a síntese desse texto, que foi apresentada e debatida com os demais integrantes do projeto.

De acordo com ALBELDA (2015), no contexto das vinculações entre arte e natureza encontramos diversos caminhos pelos quais a Arte tem percorrido no decorrer da História, desde a Antiguidade Clássica até a Contemporaneidade, percursos em que artistas elaboram relações e métodos que conversam com o seu tempo. Esse artigo do professor José Albelda também trata dos possíveis aspectos diferenciais e caracterizadores da arte vinculada à ecologia e suas principais propostas teóricas e estéticas.

Dentro do campo da arte vinculada à natureza na contemporaneidade, identificados como autores de intervenções mínimas, são citados por Albelda os artistas britânicos da *walking art*: Richard Long e Hamish Fulton. Citadas neste mesmo contexto de intervenções mínimas estão as obras do também britânico Andy Goldsworthy: esculturas e instalações que o artista produz com materiais orgânicos que encontra em seus deslocamentos. Relacionado mais à ética do cuidado, em que se trabalha com a metáfora de reparação ecológica, Albelda traz o trabalho da artista espanhola Lucía Loren.

Por conta da pandemia da COVID-19 e do subsequente cancelamento das atividades presenciais da Universidade, as orientações oferecidas pela professora Márcia Sousa deram-se por intermédio de e-mails e vídeo-chamadas, e os encontros com o Grupo ArteNatureza ocorreram por meio de videoconferências, momentos em que compartilhamos planos futuros, metodologias de trabalho, abordamos e debatemos possíveis temas de estudo, como a ecologia, a sustentabilidade, a regeneração e o Antropoceno. Nesses encontros também lançamos discussões acerca de futuros possíveis para o período posterior à pandemia, considerando outros modos de estar no mundo, mais colaborativos e respeitosos com o meio ambiente e com todos os seres vivos. E assim, no convívio, ainda que virtual, também encontramos forças para atravessar esse momento tão incomum pelo qual passamos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção deste artigo deu-se inicialmente por meio do apontamento de palavras-chave anotadas ao longo das conversas do Grupo ArteNatureza, que guiaram a pesquisa subsequente, tais como: arte, natureza, isolamento, banho de floresta, além dos nomes dos artistas já citados. No decorrer das conversas percebemos que a ansiedade pela ausência de um contato mais aproximado com a natureza se fazia comum entre os integrantes. O fato de nos mantermos constantemente no interior de nossas casas, de certa forma fechadas para o mundo exterior, vivenciando experiências por intermédio do virtual nos fez refletir sobre a experiência de troca – nossa com o mundo, com o entorno, com as outras pessoas –, o que nos direciona ao *Shinrin-yoku*.

Trata-se de um termo japonês em que *shinrin*, significa *floresta* e *yoku* significa *banho*. Segundo QING-LI (2018), médico japonês autor de diversos livros sobre Medicina Florestal e um dos maiores especialistas mundiais de *Shinrin-yoku*, banho de floresta define-se como a prática de completa imersão e conexão

com o ambiente natural, conectando os cinco sentidos com o entorno. QING-LI (2018) aponta os principais benefícios da prática à saúde, sendo alguns destes: a diminuição de ansiedade, fadiga e irritação, aumento da imunidade, melhor qualidade do sono e redução da produção de cortisol entre outros benefícios.

Ainda que não estejam diretamente relacionadas à definição apresentada acima, as obras de artistas como Lucía Loren, Hamish Fulton, Richard Long e Andy Goldsworthy provocam a participação do espectador e convidam à imersão no meio natural, reestabelecendo uma conexão do humano com o entorno, provocando “[...] o desejo de restabelecer um vínculo de equilíbrio entre os ecossistemas naturais e as culturas humanas”, como diz ALBELDA (2015, p. 222).

Acerca do ato de caminhar, presente nos trabalhos de Long e Fulton, aponta José Albelda:

A *walking art* de Richard Long ou de Hamish Fulton a partir dos anos 70 representa claramente esse retorno fundacional ao reencontro com a natureza, carregando apenas o essencial, aliados com o tempo, com o simples suporte da câmera e da palavra, deixando somente um rastro fugaz do que suas mãos podem diretamente construir e/ou fotografar. [...] A intenção que subjaz nas obras dos principais autores europeus de intervenções mínimas – Long, Fulton, Goldsworthy Nils-Udo, Laib, Penone, Drury... – será encenar uma nova atitude de respeito à natureza, em que o artista representa o desejo cultural do vínculo por meio da imersão física, do passeio criativo e da interação com sua materialidade. Fruto desse vínculo – de estar na e com a natureza – retoma-se o interesse por seus processos e ciclos [...]. (ALBELDA, 2015, p. 224. Tradução nossa.)

Por seu turno, Lucía Loren é artista e ativista do meio ambiente e desenvolve projetos de investigação artística acerca das relações da paisagem que se forma diante da troca do ser humano com o meio ambiente (LOREN, 2016). Relaciono a artista a este texto por conta das propostas que desenvolve em seus projetos, convidando a população do entorno a participar do processo de feitura dos trabalhos, gerando assim um intercâmbio de experiências e conhecimentos entre o processo artístico e a população. Percebo que ocorre algo semelhante em algumas proposições de Richard Long e Hamish Fulton, ao convidarem os expectadores a caminharem em conjunto, tomando o ato de caminhar como forma de arte, interagindo mais conscientemente com o ambiente.



Fig. 1: Lucía Loren, *Al hilo del paisaje - Arte en la tierra*, 2007, processos
Fonte: <https://vimeo.com/416954990>

Tais observações acerca do trabalho dos artistas citados levam-me a pensar no banho de floresta. Segundo QING-LI (2018), as proposições de experiências sensoriais presentes na terapia *Shirin-yoku* – visualizar o entorno, ouvir o canto dos animais e os sons produzidos pela dança das folhas no vento, o correr das águas, tatear a terra, folhas, flores, frutos, troncos das árvores... – atuam como geradoras de envolvimento do espectador com o meio onde está inserido.



Fig. 2: Registro da saída de campo do Grupo ArteNatureza, visita à Estação Ecológica do Taim (ESEC Taim, RS). Fotografia: Mariana Medeiros, 2019

4. CONCLUSÕES

O período que temos vivido está sendo extremamente significativo para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ao longo desses sete meses de bolsa, pude descobrir e entender diferentes processos no âmbito das relações entre Arte e Natureza. Atualmente o grupo realiza encontros quinzenais de troca e escuta que foram de extrema valia nesse período de isolamento. Fazer parte do Projeto de Pesquisa *Arte e Natureza: Proliferações* contribuiu ricamente em conhecimento e construção de vínculos. Essa experiência, portanto, tornou-se não somente um gerador de pesquisa como também um ambiente de acolhida, compreensão e afeto.

Observamos nos projetos dos artistas antes citados movimentos de retorno aos vínculos e a busca por reparação ecológica. Diante dos estudos científicos do Dr. Qing-Li, são comprovadas questões que sabíamos intuitivamente, e que temos sentido mais fortemente durante o isolamento: o contato direto com a natureza reestabelece nosso equilíbrio e o distanciamento para com ela nos afeta física e psicologicamente. Somos intrinsecamente ligados à natureza e ela a nós. Somos parte dela. Encontramos nos ambientes naturais espaços aos quais pertencemos, para os quais devemos nos voltar com olhar cuidadoso, buscando protegê-los, respeitá-los. Espaços para os quais retornar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIL, M. L.; VEGA, M.; LOREN, L. **El arte como herramienta para la educación ambiental**. Centro Nacional de Educación Ambiental, 2017. Disponível em <www.miteco.gob.es/es/ceneam/articulos-de-opinion/2017-07-08-abril-vega-loren_tcm30-419306.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.
- ALBELDA, J. Arte y Ecología: Aspectos caracterizadores en el contexto del diálogo arte-naturaliza. In: RAQUEJO, T.; PARREÑO, J. M. (Ed.). **Arte y Ecología**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), 2015. p. 219-246.
- ALBELDA, J. **Arte y naturaleza: la belleza desvelada**. TEDx Talks. CadizUniversity. 2017. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=H60soMMHjJc>. Acesso em: 16 set. 2020.
- LOREN, Lucía. **Al hilo del paisaje: Arte en la tierra**, 2007. Disponível em: <<https://vimeo.com/416954990>>. Acesso em: 15 set. 2020.
- QING, Li. **Shinrin-Yoku: a arte japonesa da terapia da floresta**. Portugal: Ed. Nascente, 2018.
- LOREN, Lucía. **Lucía Loren**, 2016. Bio. Disponível em: <http://lucialoren.com/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=6&Itemid=119> Acesso em: 15 set. 2020.